

OPINIÃO

## A PETROBRAS, O PRÉ-SAL E O CAMPO DE BÚZIOS

---

AUTORA

Magda Chambriard

Agosto.2020



**DIRETOR**

Carlos Otavio de Vasconcellos Quintella

**ASSESSORIA ESTRATÉGICA**

Fernanda Delgado

**EQUIPE DE PESQUISA**

*Coordenação Geral*

Carlos Otavio de Vasconcellos Quintella

*Superintendente de Ensino e P&D*

Felipe Gonçalves

*Coordenação de Pesquisa do Setor  
O&G*

Magda Chambriard

*Coordenação de Pesquisa do Setor  
Elétrico*

Luiz Roberto Bezerra

*Pesquisadores*

Acacio Barreto Neto

Adriana Ribeiro Gouvêa

Ana Costa Marques Machado

Angélica Marcia dos Santos

Carlos Eduardo P. dos Santos Gomes

Flávia Porto

Gláucia Fernandes

Marina de Abreu Azevedo

Priscila Martins Alves Carneiro

Thiago Gomes Toledo

*Estagiária de Pesquisa*

Melissa Prado

**PRODUÇÃO**

*Coordenação*

Simone C. Lecques de Magalhães

*Execução/diagramação*

Thatiane Araciro

## A PETROBRAS, O PRÉ-SAL E O CAMPO DE BÚZIOS

O desenvolvimento do Pré-Sal trouxe uma série de alegrias e preocupações para a Petrobras, mas o saldo certamente é promissor.

Iniciando o desenvolvimento da exploração do petróleo em águas ultra-profundas com investimentos altíssimos e assumindo riscos relevantes de mercado, a empresa inverteu sua posição. Passou da que mais investia, no período 2010 a 2013, dentre Exxon-Mobil, Shell, Chevron e Statoil (hoje Equinor), para a com menor pretensão de investimentos em 2020.

A queda brusca dos preços do petróleo, a partir de meados de 2014, e seus impactos no caixa, levaram a estatal a se reinventar.

Com um plano de negócios que previa investimentos de US\$ 236,5 bilhões (US\$ 131,6 bilhões para E&P), no período 2012-2016, e a implantação de 19 plataformas de grande porte (do tipo FPSO) no quinquênio, a saída foi optar por uma drástica contenção de custos, priorização dos projetos classe mundial, postergação ou cancelamento de projetos de menor retorno e até mesmo venda de ativos não essenciais.

Foram diversos os projetos cancelados ou postergados, até o lançamento do Plano de Negócios 2020-2024, que se comprometia com investimentos de US\$ 75,7 bilhões, 85% direcionados ao E&P. O plano acenava com a instalação de 13 FPSO's, algumas delas de porte bastante inferiores aos usuais e destinadas ao pós-sal.

Não é possível negar que esse plano deixou no uma certa visão de travamento, de desmobilização. Afinal, da empresa que mais investia para a que menos investe, em menos de 10 anos, vai uma longa distância.

Em se tratando de uma petroleira, onde a prioridade é a exploração do Pré-Sal, a troca de posições na mobilização de recursos, de mais para menos, parece mais fora da curva. Praticamente mudou o próprio paradigma.

O mercado de ações, no entanto, reagiu bem a esse encolhimento. De um patamar de preços entre R\$ 15 e R\$ 20, as ações PETR3 caíram com os preços do petróleo até o início de 2016, mais daí para frente sua escalada foi intensa, conforme mostra a figura abaixo.



A evolução do preço das ações é prova inequívoca de que o mercado aprovou a austeridade na seleção dos projetos e o ritmo dos investimentos.

No entanto, em termos de garantia de sobrevivência da companhia e de contribuição ao desenvolvimento nacional, restaram questões a responder.

Como enfrentar o futuro sem inovar e assumir riscos? Afinal, para se chegar até aqui foram diversas as inovações e diversos os riscos assumidos. Riscos para se produzir no mar, em águas rasas, em águas de 400 m, de 1.000 m, de 2.000 m de lâmina d'água, além de outros desafios ao longo do processo, com reflexos positivos inclusive nas cadeias de valor de fornecedores de bens e serviços e na sociedade em geral.

Onde estaria essa companhia inovadora, capaz de projetos de vanguarda como os que desaguarão na opção pelas FPSO's como forma de produção em águas profundas brasileiras?

A resposta veio agora. A empresa planeja contratar mais três FPSO's para o campo de Búzios. Serão duas próprias (de 180.000 bpd de capacidade) e uma afretada (de 225.000 bpd), com início de produção em 2024.

Mais do que isso, a empresa estima que poderão ser até 12 as plataformas a serem instaladas para o desenvolvimento desse campo, o maior do país e de cuja produção poderão advir, quem sabe, cerca de 2 milhões de barris por dia de petróleo.

Ótima notícia para o mercado, ainda mais em tempos de pandemia! Ótima notícia para os brasileiros que contribuíram direta ou indiretamente para que o setor petróleo chegasse até aqui.

Quem sabe agora se possa esperar novas plataformas com capacidade superior a 200.000 bpd? Quem sabe essas FPSO's próprias sejam elas duas ou mais e possam até vir a contar com boa parte dos seus topsides feitos no Brasil? Seria um ótimo auxílio pós-pandemia ao desenvolvimento nacional e um ótimo estímulo para a indústria nacional que investiu e se preparou para enfrentar a competitividade inerente ao século XXI.

Afinal, está-se falando de uma empresa cuja história se confunde com a do desenvolvimento do país. Está-se falando da maior empresa do Brasil: a PETROBRAS!